



VIII JORNADAS DE ESTUDIOS INTERNACIONALES

América Latina en tiempos de Incertidumbre

3 y 4 de octubre de 2022

RESÚMENES DE LAS PONENCIAS

MESAS UNIFICADAS (1, 4 y 5)

MESA 1: AMÉRICA LATINA EN LA GEOPOLÍTICA DEL SIGLO XXI

La mesa busca analizar los principales desafíos que enfrentará nuestra región de América Latina y el Caribe frente al reordenamiento de las relaciones de poder en el orden internacional que está ocurriendo en el presente siglo XXI, y de la misma forma proponer líneas de acción a los tomadores de decisiones de nuestra región.

MESA 4: ENTRE EL ORIENTE Y EL OCCIDENTE. BRICS Y EL MUNDO POSTGUERRA FRÍA

La mesa busca debatir acerca de la transformación del orden internacional post 1991, considerando los debates académicos que están teniendo lugar sobre el declive de la hegemonía estadounidense, debilitamiento europeo y la formación de nuevos polos de poder en el Oriente y el Sur global. Se pretende abordar tales problemáticas como la reinención de identidades, crecimiento de nacionalismos y formulación de alternativas políticas a la democracia liberal, surgimiento de conflictos ideológicos, económicos, militares, y otros desafíos que el mundo asiático y asiático-europeo presenta al Occidente.

MESA 5: RELACIONES INTERNACIONALES Y SEGURIDAD PLANETARIA Bajo esta Transición Hegemónica, la competencia de las grandes potencias ha puesto de relieve aspectos de inseguridad creciente en materia de equilibrio estratégico, declinación de normas multilaterales, desaparición de gobernanzas, restricción de la globalización, una creciente competencia tecnológica y armamentística, y construcción acelerada de nuevas áreas de influencias y bloques civilizacionales. Aspectos alimentarios, migratorios y comercio internacional son parte de un nuevo diseño internacional que debe ser visto en perspectiva histórica y prospectiva.

COORDINAN: DR. FERNANDO ESTENSSORO; DRA. EVGUENIA FEDIAKOVA Y DR. CRISTIAN GARAY

PONENCIAS:

1. AMÉRICA LATINA, REALIDADES ESTRUCTURALES Y CAMBIOS FRENTE A LAS NUEVAS OPORTUNIDADES, DILEMAS Y DESAFÍOS DEL SISTEMA INTERNACIONAL

Dra. ANA EMÉRICA SEITZ

Universidad de El Salvador, Buenos Aires

anamirka8@gmail.com

Nuestra región tiene un histórico déficit social por el cual tenemos la peor distribución del ingreso y también tenemos un superávit en materia de recursos naturales desde el agua, el suelo, la producción agropecuaria multivariada, riqueza ictícola y riqueza minera muy extensa. El compromiso con la preservación de la Democracia ha sido una trabajosa construcción con la que acompañamos estas realidades desde la década de los 80'. Frente a esto, hoy hay tanto una situación de guerra entre Rusia y la OTAN por Ucrania cuanto una abierta competencia entre EEUU y China que están redefiniendo los tiempos, costos y calidades de la energía y el comercio. Este último dilema se suma a las oportunidades y desafíos implícitos en lo que mencionábamos como déficit y superhávilit de la región. Mantener la integración y coordinación de la toma de decisiones de nuestras democracias se vuelve así una prioridad de supervivencia.

2. A "GEOPOLÍTICA DA FOME": OBSTÁCULO PARA A CONSTRUÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA

Dra. ANNA PAULA BAGETTI ZEIFERT. UNIJUI, Brasil

Anna.paula@unijui.edu.br

O presente estudo analisa o retorno de muitos país da América Latina ao Mapa Mundial da Fome, dentre eles o Brasil, tendo como referência uma perspectiva de Justiça Social. O problema que orientara a pesquisa pode ser sintetizado na



seguinte reflexão: O crescimento do número de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza e em situação de insegurança alimentar infere, de forma direta e significativa, na liberdade e na capacidade de realizar escolhas e de acessar oportunidades? Com base na abordagem de Sen e de sua teoria das capacidades, a pesquisa visa afirmar que a ausência de liberdades e, conseqüentemente, de dignidade humana não se vincula apenas à pobreza econômica, mas à ideia de desenvolvimento, uma vez que a liberdade do ser humano de escolher um estilo de vida dentro dos diferentes modos de viver – ou seja, a capacidade que a pessoa possui para escolher a vida que quer levar –, só será possível através das escolhas que ela realiza, muitas vezes tolhidas por falta de acessos, inclusive de alimentação. Nesse sentido, considera-se que a fome interfere direta e significativamente na “capacidade de uma pessoa para fazer coisas que ela tem razão para valorizar”, tornando-a uma presa fácil para todas as demais violações acerca de suas liberdades. O texto parte da ideia de Sen sobre o fato da fome se relacionar com a pobreza, gerando “privação de capacidades básicas”, onde a falta de recursos, bens, serviços e renda - destacando-se aqui a fome e a privação de condições mínimas e dignas para se viver - é uma das razões primordiais da privação de liberdade. A pesquisa utiliza o método de abordagem hipotético-dedutivo, considerando a coleta de dados em fontes bibliográficas, bem como, dados referentes a situações de vulnerabilidades que acometem os sujeitos na América Latina. Tem como hipótese que o incremento da fome na América Latina não ressurgiu pela crise pandêmica ou conflitos bélicos que efetivamente se estabeleceram nos últimos tempos em nível mundial, mas é reflexo de um modelo de desenvolvimento econômico, de viés neoliberal, adotado ao longo do tempo e que demonstra a sua incapacidade de promover melhores condições de vida, acelerando as desigualdades, e que pode ser avaliado a partir do termo “geopolítica da fome” e dos estudos desenvolvidos sobre a temática, desde as considerações do pensador e ativista político brasileiro Josué de Castro (1968).

3. LA PROYECCIÓN BRITÁNICA DE PODER HACIA LA ANTÁRTIDA Y SUS IMPLICANCIAS PARA AMÉRICA LATINA EN EL SIGLO XXI

Dr. **CRISTIAN LORENZO**, UNTDF, Argentina

clorenzo@conicet.gov.ar

El Reino Unido firmó el Tratado Antártico en 1959. En aquel momento, fue uno de los doce Estados signatarios, entre los cuales se encontraban Argentina y Chile. El reclamo británico de soberanía antártica se encuentra superpuesto al de los dos países vecinos y sudamericanos mencionados. Asimismo, desde el punto de vista político-estratégico, el Reino Unido tiene como aliados a los países de la Commonwealth y a Estados Unidos, a lo que se agrega otro elemento estructural: el mantenimiento de la ocupación de Malvinas, que le garantiza sus conexiones con la región antártica. Esta presentación trata sobre la proyección de poder británico hacia el Continente Blanco y sus aguas marítimas circundantes, durante el siglo XXI. Para ello, hace una aproximación al Reino Unido desde la historia del tiempo presente, teniendo en cuenta, tanto sus proyecciones como implicancias para América Latina. A través del relevamiento de fuentes documentales, se consideran aquí los proyectos de modernización de infraestructura británica relacionada con la Antártida, y del mismo modo, el sistema de designación de toponimia que hace el Reino Unido en esta región polar. De esta manera, esta presentación busca aportar al debate sobre los principales desafíos que enfrentará nuestra región en el orden internacional del siglo XXI, así como también, sugerir líneas de acción a los tomadores de decisión.

4. DESENVOLVIMENTO EXTRATIVISTA E AMEAÇAS AO EQUILÍBRIO AMBIENTAL: DESAFIOS PARA PRESENTES E FUTURAS GERAÇÕES

Dr. **DANIEL RUBENS CENCI**, UNIJUI, Brasil

danielr@unijui.edu.br

Frente a atual crise socioambiental, pensar a sustentabilidade requer um pressuposto de coerência na análise de verdades reconhecidas pela sociedade. Indaga-se as bases da racionalidade econômica extrativista, que fundamentam o modelo de desenvolvimento atual, interrogando o impacto no atual contexto, social, econômico e ambiental, frente um planeta finito, não havendo qualquer razão para seguir difundindo ideias para um modelo de desenvolvimento centrado no crescimento econômico infinito. A sustentabilidade emerge como novo princípio de existência para o presente e o futuro das gerações, com a necessidade de outra racionalidade e de novas práticas de governança local e global. A substancialidade do debate alcança a democracia como sistema de distribuição de lugar de vida decente para todos em sintonia com a ideia de sustentabilidade, rompendo com o paradigma dominante de vertente antropocêntrica e capitalista, que considera o ser humano como superior, com outorga para explorar os recursos naturais na forma e intensidade que desejar. Neste horizonte, o ar, a água potável, os mares, a floresta, a terra, o meio ambiente, não podem converter-se em simples mercadoria. Em tal



contexto, indaga-se as possibilidades de outros modelos de organização social e suas possibilidades de efetivação, na perspectiva do presente e do futuro com sustentabilidade.

5. GEOPOLÍTICA DAS VACINAS CONTRA A COVID-19 E O DIREITO DOS DESASTRES

Dra. FRANCIELLE BENINI AGNE TYBUSCH; Dr. JERÔNIMO SIQUEIRA TYBUSCH, UFSM, Brasil
francielleagne@gmail.com; jeronimotybusch@ufsm.br

A doença relacionada a Covid-19 impôs novos desafios no cenário internacional e a adoção de medidas conjuntas para o seu enfrentamento. Neste sentido, nota-se a urgência da articulação entre políticas públicas nacionais e de cooperação internacional em prol do combate do vírus nos diferentes níveis. Internacionalmente, a corrida e o desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19 acaba por criar novos espaços de disputas e desigualdades, o desequilíbrio na distribuição de vacinas e a escassez de doses disponibilizadas à países mais vulneráveis acaba por alimentar o nacionalismo e o uso das vacinas com fins diplomáticos. Por fim, a conexão, em um primeiro momento com a Covid-19 e toda a preocupação mundial em torno desta recente doença. Vislumbrou-se rapidamente os danos diretos (mortos e infectados) e os danos indiretos, ocasionados pela vulnerabilidade dos indivíduos, em um cenário que pode ser classificado como um desastre natural, de natureza biológica. A definição e categorização da Covid-19 como um desastre biológico, ou seja, um desastre natural que advém de pandemias, pode ser importante juridicamente no sentido de se buscar alternativas tanto no campo da mitigação quanto no campo de resposta, para esta doença que se destaca, até o momento, como uma doença zoonótica.

6. MUDANÇAS CLIMÁTICAS E A AGENDA 2030 DA ONU: DESAFIOS PARA A AMÉRICA LATINA NO SÉCULO XXI

Dr. LUIZ ERNANI BONESSO DE ARAUJO. Universidade de Passo Fundo, Brasil.
luiz.bonesso@gmail.com

Em 2012, foi criada pela Organização das Nações Unidas, ONU, a Agenda 2030, que são um conjunto de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com apelo para o desenvolvimento de ações para acabar com a pobreza, proteger o planeta e assegurar paz e prosperidade para todas as pessoas. Dentre esses objetivos, está a de número 13, o combate às alterações climáticas, os quais, em termos mais específicos são “reforçar a resiliência e a capacidade de adaptação a riscos relacionados ao clima e às catástrofes naturais em todos os países” (13.1), “integrar medidas da mudança do clima nas políticas, estratégias e planejamentos nacionais” (13.2) e “melhorar a educação, aumentar a conscientização e a capacidade humana e institucional sobre mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce da mudança do clima” (13.3). É certo que os países estão elaborando e pretensamente colocando em prática suas políticas, suas estratégias e planejamentos em termos nacionais, mas importa ter claro que os impactos causados pelas alterações do clima não são resultante somente de fatores locais, mas também de uma soma de acontecimentos que se traduzem em consequências para toda a humanidade, portanto as ações de mitigação não devem ficarem restritas a termos nacionais, e sim, envolver um sistema de cooperação internacional. Tendo em vista que a América Latina é múltipla em termos de biomas, rica em termos de recursos naturais, em grande parte ainda mantendo suas reservas de água e florestas, como no caso da Amazônia, que se expande territorialmente em oito (8) países. Isso nos leva a indagar qual o caminho que se possa tomar em termos de América Latina na questão da mudança climática? Tende a ser protagonista com liderança, ou exercerá um papel subalterno em termos geopolíticos? Há possibilidade de ser propositiva no sentido criar uma política alternativa de desenvolvimento, de baixo impacto ambiental, voltada à manutenção de seus recursos naturais, ao mesmo tempo em que combata seus problemas crônicos de pobreza e desigualdade social? A América Latina, tão dividida, poderá ter um caminho de solidariedade e trilhar um caminho comum que lhe traga paz e prosperidade, baseado na sustentabilidade ambiental, respeitando as especificidades locais, as comunidades originárias, e garantindo a participação social nas políticas públicas relativas às mudanças climáticas? Esse rol de questionamentos diz respeito a um futuro comum dos povos latino-americanos, que no plano do ideal se voltariam para possíveis ampliações de acordos de cooperações internacionais para o enfrentamento dos problemas decorrentes das alterações climáticas, os quais se tornam fontes de análise científica, em pesquisa a ser proposta e desenvolvida pelo autor.



7. ARGENTINA E IRÁN EN SU ACERCAMIENTO A LOS BRICS

MARTÍN MARTINELLI, UNLu/Al-Mustafa/CLACSO, Argentina
martinellima1982@gmail.com

El acercamiento geoestratégico, geoeconómico y geopolítico que implica la inminente incorporación de Argentina e Irán a los BRICS, Brasil, Rusia, India, China y Sudáfrica de forma que conformarían una faja cuatricontinental que excluye la Tríada: Europa occidental, Japón, Estados Unidos. Entonces, serían cuatro de los países más importantes de Eurasia, más uno de África, más dos de América. Entre los siete países totalizarían 3336 millones de personas casi la mitad del mundo. Se busca, plantear la esfera de relaciones tanto culturales, económicas e incluso en tecnología incluyendo la nuclear que favorecería este proyecto ya que Irán es también miembro de la Organización para la Cooperación de Shangái. Comprender a través de este caso en particular las relaciones que se establecen entre estos países al mismo tiempo que otros interfieren en las mismas tratando de enemistarlos.

Una alianza de tal magnitud refleja los desplazamientos geoeconómicos que se vienen operando en las últimas cuatro décadas, mayormente pronunciados desde la crisis capitalista del 2008, luego con el anuncio de la BRI de 2013 más el tratado entre Irán y China, más la integración de Argentina a la también llamada Nueva Ruta de la Seda más recientemente.

8. AMÉRICA LATINA EN LA GEOPOLÍTICA DEL SIGLO XXI

Dr. FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA, INEST-UFFI, Brasil
freitasalmeida03@yahoo.com.br

El siglo XXI traerá a América Latina desafíos largamente esperados, como la inestabilidad del sistema internacional, producto del ascenso de los países asiáticos, en particular, la República Popular China. A pesar de ser predecible, no hubo mayor preparación para la situación. Otro desafío predecible proviene del deterioro ambiental, que se ha acelerado, sin que se avance en su contención, justo cuando la mayor parte de la humanidad habita ciudades con grandes vulnerabilidades. También en el campo de la política, América Latina deberá enfrentar la crisis de la democracia liberal, un fenómeno global en el que se articulan movimientos internacionales para imponer proyectos encaminados a los más diversos reveses institucionales. La capacidad de los Estados nacionales para proporcionar buenos medios para la supervivencia de sus poblaciones, manteniendo su soberanía, se pondrá a prueba como nunca antes.

9. CHINA Y AMÉRICA LATINA ¿UNA FUENTE PARA MAYOR SOBERANÍA PERIFÉRICA, O UN NUEVO EJE DE RELACIONES DE DEPENDENCIA? LA RELACIÓN ENTRE CHINA Y ECUADOR DE LA REVOLUCIÓN CIUDADANA

Dr. JUAN PABLO VASQUEZ, U. Alberto Hurtado, Chile; **Mgter. LUIS CLAVERIA**, USACH, Chile
juan.vasquez@usach.cl; luis.claveria@usach.cl

El ascenso de China en la economía global, ha generado un fuerte debate en torno a su actual y futuro rol en el sistema mundial (Komlosy, 2013). En ese marco, existen una serie de perspectivas e interpretaciones en debate respecto a la presencia de China en América Latina. Para Rhys Jenkins (2012), se trata de una relación asimétrica que muestra características de los tradicionales flujos centro periferia en favor de China, aunque aún estaría lejos de convertirse en el nuevo poder hegemónico en la región, manteniendo hasta, por lo menos una década atrás, Estados Unidos y Europa una mayor importancia. Para Jenkins (2012), el interés de China en América Latina se basa en tres aspectos: en primer lugar, y como el más importante, en la asignación para la región latinoamericana de un rol de fuente de materias primas que el gigante asiático necesita, particularmente recursos energéticos para su crecimiento industrial y alimentos; en segundo lugar, en su potencialidad como mercado en expansión para las exportaciones de las manufacturas chinas; y en tercer lugar, en el marco de su disputa política y diplomática con Taiwan. Por otra parte, para Mónica Bruckmann (2012), desde un marco analítico diferente, y apoyándose en planteamientos de Andre Gunder Frank (1998), el gigante asiático vive un ciclo de consumidor de recursos minerales estratégicos, expresado en su fuerte demanda de este tipo de commodities e inversión en proyectos extractivos, lo cual coincide con la importante oferta latinoamericana en esta materia, combinación que constituiría un escenario de oportunidad histórica en la búsqueda de desarrollar una cooperación estratégica de largo plazo orientada a romper la relación de dependencia con la cual América Latina se incorporó en el sistema mundial (Bruckmann, 2012, p. 66). Por otro lado, han surgido voces críticas acusando una reprimarización productiva de los países latinoamericanos y un circuito de neodependencia, a partir de una estrategia neoextractivista, multiplicadora de los conflictos ambientales, basada en el ciclo de los commodities y en la demanda china (Svampa, 2013; Svampa y Slipak, 2015). Fenómeno y debates ante los cuales, es posible preguntarse si China representa esa oportunidad de mayor soberanía para los países periféricos, o si se trata de una nueva fuente de relaciones de dependencia en el contexto de un recambio de las



fuerzas hegemónicas centrales. A partir de este cuestionamiento, y a través de una combinación de revisión bibliográfica en torno al debate planteado y un análisis de fuentes primarias, estadísticas y de planificación económica, este artículo explora, analiza y evalúa la influencia y el rol de China en la economía, los planes y políticas de desarrollo de Ecuador durante el proceso de la Revolución Ciudadana entre los años 2007 y 2016. Proceso el cual, se planteaba como objetivos, una búsqueda de modificación de la matriz productiva del país, de superación del modelo económico neoliberal, y de una mayor soberanía en el contexto de su rol periférico en el Sistema Mundial. El objetivo de este artículo es establecer conclusiones respecto al caso en cuestión, que se planteen como insumos para los nuevos proyectos políticos de cambio en América Latina.

10. EL CARÁCTER ESTRATÉGICO DEL LITIO LATINOAMERICANO PARA LAS MEGAPOTENCIAS GLOBALES. EL CASO CHILENO DESDE EL TEMPRANO INTERÉS ESTADOUNIDENSE HASTA LA IRRUPCIÓN CHINA

Mgter. ALEJANDRO CARRASCO LUNA, USACH, Chile
alegeohist@gmail.com

A más de un siglo de la primera producción que se tiene registro, el litio se ha convertido en uno de los minerales más demandados y con mayor proyección en el mercado mundial, constituyéndose como un mineral estratégico y denominado por la opinión pública como el oro blanco o el petróleo del siglo XXI. Pero ¿qué significa que sea estratégico? ¿Cuáles son los criterios que fundamentan su carácter estratégico? La presente ponencia, en primera instancia, busca presentar una serie de criterios que nos permitan comprender el carácter estratégico del litio. Una segunda parte, desde la geopolítica de los recursos naturales, analizaremos el caso de la industria del litio en Chile. Abordaremos las disputas por su gestión, desde los tempranos intereses desplegados por EE. UU., hasta la irrupción de los capitales chinos durante la última década. Planteamos que la disputa desplegada entre capitales transnacionales, especialmente chinos y norteamericanos, por la apropiación de las reservas litíferas en la zona andina o denominada “triángulo del litio”, responde a la búsqueda de lo que se denomina “naturaleza barata”, el posicionamiento en las nuevas cadenas de valor asociadas a la electromovilidad. En última instancia, sostenemos que la lucha por la hegemonía depende, en gran parte, de que capitales y Estados lideren la transición energética.

11. MIGRACIÓN, FRONTERA Y RAPA NUI: UN DESAFÍO GEOPOLÍTICO DE ESTADO

DR. JOSE ORELLANA, UAHC, Chile; **ANITA IKA**, UACH, Chile; **IGNACIO POZO**, USACH, Chile
jorellanay@gmail.com; ignacio.pozo92@gmail.com

Rapa Nui, entendido constitucionalmente como un Territorio Especial, es, a su vez, la expresión fronteriza más al oeste del Estado chileno (centro del océano pacífico sur), implicando per sé, un rasgo geopolítico ineludible, no sólo en cuanto a la idea de frontera, sino que también como posibilitador de un imaginario de: a.- tricontinentalidad; b.- ampliación del territorio marítimo vía las doscientas millas marítimas en su gradación de soberanía interna y; ahora, como c.- pivote para la reclamación de plataforma continental extendida, hecho que proyecta al Estado chileno en una territorialidad submarina significativa (MDNCH, 1997, 2002, 2010, 2017).

Lo anterior, que pudiese suponer una valoración geopolítica importante en el devenir continuo de la isla, ha estado regularmente cuestionado desde algunos sectores políticos, pero muy específicamente desde Rapa Nui mismo, a propósito de su abandono, indican sus habitantes, desde que pasó a ser parte de esta territorialidad nacional en 1888. Ello se tradujo en escasas relaciones político – institucionales – desarrollo, siendo recién el año 1966 cuando se dicta una legislación específica que reconoce a Rapa Nui como parte del territorio nacional en cuanto división político administrativa y objeto de preocupación por parte del Estado en alguna de sus instituciones (ley Pascua).

12. AMÉRICA DEL SUR EN LA GEOPOLÍTICA ANTÁRTICA: ARGENTINA, CHILE Y BRASIL ENTRE LA DISPUTA Y LA COOPERACIÓN

Dr. JOSE ORELLANA; **SEBASTIÁN SÁNCHEZ G**, UAHC, Chile
jorellanay@gmail.com

La Antártica es el único continente que no pertenece a ningún país, aunque evidentemente su importancia geopolítica hace que varios reclamen una porción de su territorio. De los siete países que reivindican parte de su extenso territorio de 14 millones de kilómetros, dos pertenecen a América del Sur: Chile y Argentina. Además de estos dos países



sudamericanos que reclaman soberanía sobre una parte del territorio Antártico, existen otros 35 países que tienen bases permanentes. Dentro de estos países encontramos también a Brasil.

Considerando que el Tratado Antártico firmado el 1 de diciembre de 1959 debe ser renovado en 2048, es importante revisar cuál es la postura de estos tres países de América del Sur sobre el continente blanco. Cabe entonces preguntarse: ¿Cuál es la posición geopolítica de Argentina, Chile y Brasil con respecto a la Antártica? y ¿la política exterior de estos países sobre la Antártica tiende hacia la disputa o la cooperación? A nivel de hipótesis sostenemos que los tres países tomaron históricamente conciencia de la importancia de la Antártica, pero si bien las posturas de Chile y Brasil tienden más hacia una cooperación estratégica en temas antárticos, la postura de Argentina y Chile se inclina más hacia el conflicto por reclamar sobre la misma franja de territorio. En esa línea, interesa conocer cómo la formalización de un Estatuto Antártico, una Política Oceánica y nuevos fenómenos político territoriales como son las reclamaciones de la plataforma continental extendida, desde Chile.

13. ALEXANDER DUGIN Y LA GEOPOLITICA RUSA ACTUAL

Dr. CRISTIÁN GARAY VERA, USACH, Chile

cristian.garay@usach.cl

Alexander Dugin se ha convertido en uno de los principales referentes a las políticas del Presidente ruso Vladimir Putin, su teoría geopolítica: Eurasianismo, se ha convertido en la justificación propagandística de la política internacional rusa. Su ataque al liberalismo y a occidente lo ha llevado a postular la necesidad de un mundo multipolar en el que Rusia como “aliada natural de China” liderasen una alianza anti-atlantista y a partir de esta desarrolla un nuevo orden iliberal. Su posición hacia Latinoamérica es radical y poco profunda, ignora lazos culturales entre naciones y alimenta un etnicismo poco convincente, la presenta como un mundo semi-occidental y semi-civilizado en donde su tesis de la “Cuarta Teoría” tienen una gran relevancia. Su posición en defensa de regímenes no democráticos como Cuba, Nicaragua y Venezuela son a su parecer fundamentales en la lucha anti estadounidense, respecto a Venezuela en una entrevista de 2016 expresó; “Fue en Venezuela donde comenzó su lucha el héroe de la liberación de América del Sur, Simón Bolívar. Que la segunda ola de la descolonización se inicie desde el mismo lugar. Hay que apoyar a Maduro”.

14. KISSINGER, EL ORDEN MUNDIAL Y EL LUGAR DE LATINOAMERICA

Doctndo. FRANKLIM COLLETTI MONTILLA, USACH, Chile

franklim.colletti@usach.cl

El actual Orden Mundial nacido después de la Segunda Guerra Mundial, en el que los Aliados fueron capaces de derrotar por completo sus adversarios y luego alinearlos en la comunidad de naciones enfrenta importantes cuestionamientos y desafíos. La victoria del bloque occidental sobre el reto soviético en 1990 vislumbraba un nuevo orden mundial establecido sobre un único polo de poder, sin embargo, solo una década después se configuraban múltiples desafíos que cuestionaban la viabilidad de este orden y proponían uno propio a nivel regional. Las primeras dos décadas del siglo XXI han presenciado el surgimiento y establecimiento de nuevos focos de poder, al asistir a la historia podemos constatar que estos polos de poder responden a lógicas regionales (Rusia, Irán, Turquía y China) y que de estos sólo uno tiene la capacidad para generar un desafío en el Orden Mundial (China). Kissinger observa este momento histórico realizando importantes reflexiones para los Estados Unidos. el principal desafío para la humanidad es no repetir las tragedias de Europa en los primeros 45 años del siglo XX. El lugar de Latinoamérica en su análisis es marginal, por ejemplo en todo su análisis prospectivo solo se menciona a México y Brasil pero de forma residual. Latinoamérica es un área de interés para China, Irán y Rusia, sin embargo, solo China tiene capacidad para actuar y lo está haciendo. Siendo China la potencia emergente toda la costa pacífica de Latinoamérica es susceptible a desarrollo y comercio o disputas. El área del Caribe será aún más periférica en el futuro. Una posible solución para el problema demográfico europeo puede ser un programa migratorio de latinoamericanos. La situación actual puede ser provechosa para el crecimiento de Brasil como fuerza regional, pero solo con una política de Estado coherente y sostenida en el tiempo. En este trabajo analizaremos la propuesta histórico-teórica de Kissinger tensionándola con los hechos actuales.



15. TEHERÁN “MIRA HACIA EL ESTE”: MULTIPOLARIDAD Y EURASIANISMO EN LA POLÍTICA EXTERIOR IRaní BAJO EL GOBIERNO DE EBRAHIM RAISI

Dr (c) RENATO VÉLEZ CASTRO, USACH, Chile

renato.velez@usach.cl

El triunfo de Ebrahim Raisi en las elecciones presidenciales de junio de 2021 vino a coronar el reposicionamiento de las fuerzas “principalistas” (conservadoras) dentro de la República Islámica de Irán tras dos gobiernos del reformista Hassan Rouhani, marcados por la firma y el posterior fracaso del acuerdo nuclear con las potencias del grupo 4+1. El liderazgo iraní toma entonces la decisión estratégica de dar un “giro hacia el Este”, articulado por Hossein Amir-Abdollahian, primero desde el parlamento y actualmente como ministro de relaciones exteriores. Bajo la administración Raisi, Teherán ha priorizado la integración euroasiática, sellando acuerdos históricos con China, Rusia e India, integrándose a la Organización de Cooperación de Shanghai (OCS) y manifestando su interés en el BRICS, participando en la gestión de las crisis siria y afgana, y abriendo insospechadas oportunidades para el comercio y la integración regional. El resultado ha sido una consolidación del estatus de potencia regional de Irán.

16. ANÁLISIS DE LA RED DE COOPERACIÓN LOCAL Y DIFUSIÓN DE POLÍTICAS MIGRATORIAS LOCALES EN LA GOBERNANZA DE LAS MIGRACIONES: EL CASO DE LAS CIUDADES DE AMMAN, MADRID Y TORONTO 2015-2018

JOSE CARRERA, USACH, Chile

jose.carrera.s@usach.cl

Este proyecto busca comprender la red de cooperación y difusión de políticas locales de inmigración entre las ciudades de Amman, Madrid y Toronto, y los efectos que tiene sobre el modelo de Gobernanza de las Migraciones. Los procesos migratorios y la movilización de la población en el siglo XXI han estado marcado por la globalización y la creciente interdependencia entre los países. El crecimiento de la población urbana ocurre prácticamente en todo el mundo, sin embargo, ha habido una expansión en las grandes ciudades y las periferias urbanas, con viviendas unifamiliares aisladas o adosadas y con diferentes tipologías. En particular, las regiones urbanas han pasado a caracterizarse por la existencia de centralidades múltiples y una alta heterogeneidad social. Dicha heterogeneidad, según Capel tiene que ver estrechamente con la complejidad social y económica que existe a nivel internacional, así como la llegada de población de múltiples procedencias, potenciado por la globalización. De esta manera, podemos dar cuenta de que los flujos migratorios convergen con mayor frecuencia a las zonas urbanas. Aunque las ciudades y gobiernos locales carecen de competencias en materia de políticas migratorias, son las administraciones locales quienes responden ante esta problemática internacional, adaptándose y creando ciertas políticas que resuelvan las diversas necesidades que tienen los migrantes.

17. CIBERSEGURIDAD EN EL SECTOR MARÍTIMO: LOS PRINCIPALES ACONTECIMIENTOS, RIESGOS EXISTENTES Y GESTIÓN DE LOS MISMOS EN AMÉRICA LATINA”

CONSTANZA TAPIA y KARLA MONTOYA; USACH, Chile

En la actualidad, se ha producido un avance tecnológico en el ámbito marítimo, lo que se refleja gracias a los avances logrados en relación a los buques autónomos, los sistemas de posicionamiento global, los diversos medios de comunicación que puede utilizar un buque cuando se encuentra navegando, entre otros. Además, en la actualidad el rol que desempeña el transporte marítimo en el área logística de las empresas juega un papel fundamental, esto debido a la cantidad de mercancía y recursos que son transportados por este medio, dentro de los cuales podemos encontrar el petróleo y sus derivados, cobre y otras materias primas que son utilizadas en la elaboración de productos. Así también, la ciberseguridad se ha alzado como un nuevo método de defensa ante las amenazas del mundo moderno, las cuales, van más allá de los límites tradicionales del armamento o la guerra simétrica. En este sentido, la seguridad cibernética expande sus horizontes a todos los ámbitos de la vida internacional, posicionándose como imprescindible. En el presente proyecto de investigación se espera analizar la ciberseguridad en el escenario marítimo, considerando los acontecimientos más emblemáticos tales como Maerks, ocurrido el 2017 y que afectó a miles de empresas y gobiernos en el mundo, el caso de White Rose of Drax, plataformas petroleras, entre otros que dejan entrever la necesidad de la seguridad marítima en el ámbito de la ciberseguridad y la gestión de los riesgos existentes.



18. EL MAYOR PELIGRO DE AMÉRICA LATINA EN EN ORDEN MULTIPOLAR EMERGENTE: DE SUR SOCIAL A SUR ABSOLUTO

FERNANDO ESTENSSORO; USACH, CHILE
fernando.estensoro@usach.cl

Se plantea que existe un nuevo orden mundial emergente de característica multipolar. Este nuevo orden mundial en configuración ocurre debido a la declinación de Estados Unidos como la potencia hegemónica que determinó las reglas del sistema internacional después de la Segunda Guerra Mundial y que, tras el fin de la Guerra Fria (1991), implicó que se definiera como un orden unipolar. Esta declinación del poder hegemónico estadounidense -y el paso desde el unipolarismo al multipolarismo- está, también, implicando que el Norte y Sur global se están reconfigurando. En esta reconfiguración, América Latina corre el riesgo de transformarse en una suerte de Sur absoluto. O sea, una permanente periferia, subdesarrollada y subordinada totalmente a los nuevos poderes centrales que regiran el destino de la humanidad en este siglo XXI.

19. DIREITO DA SOCIOBIODIVERSIDADE LATINO-AMERICANA EM PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL

VINICIUS GARCIA VIEIRA, UFSM, BRASIL
vigarciavieira@gmail.com

O presente estudo pretende abordar elementos da perspectiva pós-colonial que podem potencializar a defesa de um direito da sociobiodiversidade latino-americana, nas dimensões que articulam biodiversidade e sociedades. Por um lado, os estudos pós-coloniais permitem que se reflita sobre os processos de dominação ancorados numa dimensão epistemológica construída historicamente ao longo da afirmação do sistema capitalista. Essa epistemologia da dominação se apropriou da ciência e da tecnologia como mecanismos de produção de valor econômico e retirou a diversidade da natureza, de povos, de sociedades e de culturas como aspectos a serem considerados no reconhecimento de direitos. Por outro lado, o desvelar de processos hegemônicos passa a fundamentar possibilidades contra-hegemônicas de emancipação, pautadas na defesa da diversidade em suas múltiplas dimensões (ambiental, política, social, econômica, jurídica etc.). Nesse contexto, coloca-se sob análise o potencial emancipatório de defesa da sociobiodiversidade latino-americana, decorrente da perspectiva pós-colonial.

20. DESARROLLO DEL POPULISMO LATINOAMERICANO (1930 – 1970): UNA APROXIMACIÓN DESDE LA SEGURIDAD INTERNACIONAL.

Dr. DIEGO JIMÉNEZ CABRERA.
diego.jimenez@uss.cl

El populismo es uno de los fenómenos de mayor desarrollo en la América Latina contemporánea. Desde el punto de la seguridad internacional, existe una subordinación explícita de la política exterior a necesidades contingentes y de corto plazo de la política interna, con una profunda polarización a partir del concepto de autonomía como fuente de seguridad respecto de los grandes poderes de una época definida. Para analizar causalmente este fenómeno es que nos situamos en el periodo 1930 – 1970. Asimismo, la técnica de análisis a emplear es el análisis de paneles dinámicos, para lo cual se emplea como fuente de información las bases de datos Varieties of Democracy (V-DEM) y Correlates of War (COW).



MESA 2: AMÉRICA LATINA Y CARIBE Y ASIA: DE RELACIONES IMPROBABLES A RELACIONES IMPRESCINDIBLES

En los últimos 30 años, sobre todo a raíz del llamado súper ciclo de los commodities, las relaciones de ALC y Asia pasaron de improbables a imprescindibles, lo que en primera instancia se vio como una dimensión exclusivamente económica. Sin embargo, los estudios realizados en este mismo período, develó la existencia de una relación mucho más compleja, que una agenda de temas sorprendentemente amplia. Esta mesa se ocupa de este nuevo escenario internacional y su correlación en el campo académico.

COORDINA: DR. CÉSAR ROSS

PONENCIAS

21. CHILE, 1973-1979: LA DICTADURA EN LA ENCRUCIJADA Y COREA DEL SUR COMO MODELO POSIBLE

DR. EDUARDO LÓPEZ BRAVO, USACH, Chile

eduardo.lopezbr@usach.cl

Esta comunicación se propone examinar el primer momento de definición del proyecto o modelo económico del gobierno encabezado por Augusto Pinochet. En un contexto de aislamiento internacional y con la urgencia de sobrevivir, el gobierno cívico-militar de Chile, debía tomar definiciones dentro de un menú reducido de alternativas; tanto por la falta de consenso interno, como porque la propia trayectoria chilena había agotado las opciones que hasta entonces se habían contemplado (reforma agraria y nacionalización de las empresas privadas).

En este escenario, las opciones eran seguir el camino señalado en su “La Declaración de Principios” (1974), que rechazaba las opciones socialistas y de mercado; explorar la opción neoliberal que le proponía un grupo de asesores económicos formados en la Universidad de Chicago; o, cuestión desconocida hasta ahora, tomar una tercera opción, que era el modelo de Corea del Sur, que combinaba autoritarismo político y un, hasta entonces, cierto liberalismo económico que daba libertad de acción y apoyo a los empresarios privados.

Desde el quiebre democrático en Chile el 11 de septiembre de 1973 ambos gobiernos coincidieron en practicar una política antimarxista y proempresarial: Por ello implementaron una estrategia de colaboración, lealtad y alianza, sobre todo entre los dictadores de Corea del Sur (Park y Chun) y de Chile (Pinochet).

Palabras Clave: Chile – Corea del Sur – Proyecto Económico – Aislamiento Internacional.

22. WUSHU COMO ELEMENTO DE DIPLOMACIA CULTURAL Y SOFT POWER CHINO EN AMÉRICA DEL SUR

DR. (C) SEBASTIÁN SÁNCHEZ GONZÁLEZ, USACH, Chile

sebastian.sanchez.go@usach.cl

Las artes marciales chinas también conocidas como wushu, son uno de los elementos más destacables y representativos de la cultura china a nivel mundial. Por esta razón el gigante asiático ha mostrado iniciativas que buscan potenciar el wushu como un elemento de su diplomacia cultural, a la vez que busca aumentar su potencial, aunque a veces elusivo, soft power. La presente ponencia busca señalar los principales elementos del wushu como diplomacia cultural china, centrándose especialmente en los casos de Chile y Argentina. Cabe entonces preguntarnos ¿Qué características tiene la estrategia china del wushu como diplomacia cultural y soft power?

A través de un análisis de fuentes de prensa, entrevistas y consultas de páginas web oficiales, se sostiene como hipótesis que China busca explotar el potencial de sus artes marciales como elemento de soft power a través de un tipo de diplomacia cultural que involucra principalmente a los Institutos Confucio y a ciertos “agentes” clave del mundo de las artes marciales de los respectivos países. A través de estos dos ámbitos, China busca tener un cierto grado de control y curatoria de los elementos de esta “cultura marcial” que se desean comunicar. Se busca entonces atraer a practicantes e instructores nuevos y antiguos hacia la órbita china, buscando controlar espacios dentro de las artes marciales que antes fueron desarrollados sin una relación directa e influyente del gigante asiático. Los esfuerzos que pone China en potenciar elementos culturales como sus artes marciales implican que sus intereses en la región no quedan restringidos exclusivamente al ámbito económico.



23. DE LA INTERDEPENDENCIA COMPLEJA A LA INTERDEPENDENCIA ASIMÉTRICO-NORMATIVA: LA RELACIÓN ENTRE CHINA Y AMÉRICA LATINA

DR. FELIPE ARACENA, Universidad Técnica Federico Santa María, Chile
Felipe.aracena@usm.cl

La relación entre China y América Latina es de larga data. Se ha caracterizado por la cooperación y la ayuda mutua y su vínculo se ha erigido como estratégico, más allá de lo geopolítico o económico, lo que ha permitido avanzar hacia una interdependencia. Sin embargo, esta relación interdependiente es asimétrica, lo que ha provocado problemáticas en términos económicos y políticos al interior de los países latinoamericanos, los cuales se han visto arrastrados -nuevamente- hacia una dependencia económica, ahora hacia el gigante asiático chino.

Lo anterior ha conllevado a una agudización de la desigualdad en los intercambios, pasando de una interdependencia compleja como lo sostuvo Nye y Keohane a fines de la década de los setenta, a una interdependencia asimétrico-normativa, produciendo modificaciones en términos políticos y económicos al interior de los Estados de la región.

En tal sentido, como hipótesis se sostiene que dicha asimetría ha modificado las conductas políticas y económicas de los países latinoamericanos, produciendo mayor flexibilidad en las normativas internas en favor de un mayor flujo de inversión y capitales chinos, con la finalidad de potenciar el desarrollo y el crecimiento económico de estos últimos.

Por consiguiente, el objetivo de este trabajo es analizar la relación entre China y tres países de América Latina: Argentina, Chile y Perú, mediante una matriz de análisis de datos que sistematice los tipos de relaciones políticas, económicas, la cantidad de tratados internacionales vigentes, entre otros factores, que permitan realizar un análisis comparado y evidenciar esta interdependencia asimétrico-normativa que se postula como hipótesis.

24. LA TRAMPA DE TUCÍDIDES. O LAS DINÁMICAS DE UNA COLISIÓN EN CURSO ENTRE EE.UU. Y LA REPÚBLICA POPULAR CHINA

DR. (C) GUSTAVO BÁEZ, USACH, Chile
gustavo.baez@usach.cl

El ascenso de la República popular China y la disputa por la hegemonía económica, a escala global, plantean la interrogante acerca de los efectos de la emergencia del gigante asiático como superpotencia. Esta interrogación interpela, no solo a los modelos de desarrollo occidentales, sino también, a los ideales occidentales de Democracia, Derechos Individuales y la libertad. Las transformaciones en la configuración del poder internacional de los últimos 30 años, han mostrado un cambio de orden estructural. Las fuerzas dinámicas de la configuración internacional muestran hace ya muchos años el poderío en ascenso de China. En este escenario, la irrupción de China reconfigura la geopolítica, no solo del sudeste asiático, sino que ha impactado en todo el mundo y, desde luego en América Latina y el Caribe.

La gravitación y alcance del surgimiento de China ha venido tensionando la política internacional de ALC por cuanto es objeto de presión, gestiones y negociación por parte de la República popular China, para posicionar su agenda, así como su fortalecimiento frente a EE.UU. Los efectos de este fenómeno en curso es aún una interrogante acerca de la forma en la que se resolverá la dinámica emergente de China, en relación al orden mundial liderado por EE.UU, y la política económica desplegada los últimos 30 años. ¿Son los efectos de esta tensión una amenaza para el mundo en general y América Latina en particular? ¡Pues bien, esta es la cuestión por dilucidar!

25. INNOVACIÓN TECNOLÓGICA Y ESTRATEGIA DE INSERCIÓN ECONÓMICA INTERNACIONAL DE LA REPÚBLICA POPULAR CHINA DURANTE LA ADMINISTRACIÓN DE XI JINPING

DOCTORANTE CAMILO NAVARRO OYARZÚN, USACH, Chile
camilo.navarro.o@usach.cl

La República Popular China ha perseguido siempre desarrollar tecnología como una forma de mejorar sus capacidades económicas e incrementar su poder político. Tras décadas de una persistente y exitosa estrategia, China se encuentra en una fase en que su ascenso ha dado paso a la búsqueda de predominio. En ese marco, durante el Gobierno de Xi Jinping se han generado diversas iniciativas para potenciar el carácter innovador del país, asumiendo que la tecnología será un factor clave para consolidar el liderazgo internacional. El planteamiento principal de este estudio es que, en el nivel económico, China busca redefinir su posición en la cadena global de valor para transformarse en un eficiente proveedor de bienes. Como resultado, las mayores capacidades le permitirán a China incidir más eficazmente en la elaboración de reglas y



consolidar con ello su nuevo estatus político. Tomando como marco teórico el Realismo de la Economía Política Internacional, esta investigación explica la relación existente entre la agenda de innovación y la estrategia de inserción económica internacional durante el gobierno de Xi Jinping, así como sus implicancias en el orden internacional.

PALABRAS CLAVE: China, innovación tecnológica, inserción económica internacional.

26. AMÉRICA LATINA Y ASIA: OPCIONES DE UNA ASIMETRÍA VIRTUOSA PARA LOS ESTADOS INTERMEDIOS

DR. CÉSAR ROSS, USACH, Chile

cesar.ross@usach.cl

Particularmente para los estudiosos de las relaciones internacionales, estudiar a América Latina dentro del contexto global en el último año significa tener una cierta noción de que la región está corriendo en dirección contraria al resto del mundo y no sólo por su tardío "giro a la izquierda" sino también por la compleja forma en que la región se ha movido hacia la globalización. En lo que respecta a América Latina, siempre ha existido la sensación de ser incapaz, por la razón que sea, de aprovechar las oportunidades que otros ven para vencer la frustración del subdesarrollo y acabar con la inestabilidad que, en algunos casos, ha estado presente incluso desde la independencia.

Las relaciones entre esta región y el Este y el Sudeste Asiático (ESA) -la región que más ha crecido en los últimos 30-40 años- parece ser una de esas oportunidades. Al igual que en el pasado, la evidencia muestra que el error se está repitiendo de nuevo y que la mayoría de los países no pueden verlo, o incluso si pueden hacerlo, no pueden llegar a la meta.

¿Cuál es la clave de todo esto? Aunque no hay pruebas lo suficientemente detalladas como para saberlo con certeza, es posible probar una hipótesis general en los siguientes términos. Aunque ESA es una enorme y real oportunidad para la inserción económica global de América Latina en el marco de una asimetría virtuosa, no se ha materializado en la práctica de acuerdo al potencial real de complementación asimétrica y a los espacios de crecimiento que muestran las relaciones económicas entre ambas regiones.

Aunque la oportunidad de ESA forma parte del "discurso público", no parece estar refrendada en todas las políticas exteriores de los países latinoamericanos para garantizar el beneficio de las externalidades positivas que pueden desarrollarse a partir de esta compleja interdependencia.

Más concretamente, podemos postular dos hipótesis: Primero, la relación entre ESA y América Latina tiene las precondiciones esenciales para desarrollarse plenamente sobre la base de la complementación natural que existe entre ambas, en un vínculo de "asimetría virtuosa" real. En segundo lugar, ESA -como oportunidad de inserción global- está presente en el "discurso público" sudamericano pero su importancia no se refleja en la política exterior de todos los países, lo que revela o bien un profundo desconocimiento o bien la existencia de un discurso subyacente basado en una percepción de amenaza económica.

Para introducir los argumentos que sustentan estas afirmaciones este trabajo se organiza con cuatro puntos. El primero es la noción de asimetría virtuosa; el segundo, las características generales del período 1989-2014; el tercero, un examen del proceso de "giro a la izquierda" frente a la expansión del mercado en ESA como indicador de la trayectoria exactamente opuesta; y el cuarto, un análisis sobre las opciones de una potencial "asimetría virtuosa" entre ESA y América Latina.

27. LA POLÍTICA EXTERIOR DE COREA DEL SUR EN EL PERÍODO 1961-1979. UNA APROXIMACIÓN AL PENSAMIENTO COREANISTA

MG. CAMILA FIGUEROA GÓMEZ, USACH, Chile

figueroagomez.c@gmail.com

El objetivo de la investigación es analizar la política exterior de Corea del Sur, a través de sus componentes y dimensiones, con el propósito de describir, caracterizar, analizar e identificar los elementos centrales de ésta.

Esta investigación, busca explicar la relación existente entre autores coreanos y coreanistas y el estudio de la Política Exterior, desde la mirada de los principales autores.

La identificación de las categorías centrales, como son: Interés Nacional, Objetivos, Agenda y el Contexto Mundial y Regional, fueron las claves para realizar un estudio exhaustivo de la Política Exterior de Corea del Sur en el período de 1961-1979.

Como parte de la metodología se seleccionaron 41 textos de 38 autores, después de una consulta a expertos realizada por el tutor de esta tesis, para su propio proyecto. El total se desglosa en 15 libros y 26 artículos de centros de estudios asiáticos y/o coreanos (todos en idioma inglés).

Esta consulta a expertos contempló indagaciones en Corea del Sur, Estados Unidos y América Latina, así como una pesquisa unilateral realizada en repositorios especializados en política exterior de Asia para el período de la Guerra Fría.



El corpus bibliográfico se organizó y se tabuló a modo de fichas individuales a partir de los títulos. Y se trabajaron diversas tablas comparativas para responder a diversas a las preguntas ¿Qué dicen? y ¿Quién cita a quién?

Como resultado metodológico se identificaron 4 dimensiones: Interés Nacional, Integridad Territorial, Seguridad Internacional y Desarrollo Económico. Cada componente dio paso a dimensiones particulares e identificaron los componentes de la Política exterior surcoreana con el fin de explicar la complejidad de aristas que contiene una política exterior.

Existe presencia dispersa de los autores principales en los autores coreanistas/coreanos, pero no es una tendencia significativa. Por otro lado, se aprecia una cierta concentración de títulos, que hace indicar que las ideas que estuvieron presentes y, eventualmente en circulación, se acotaron a esas obras.

Se observa una cierta concentración de autores, lo que demuestra que si bien una especie de difusión del pensamiento dominante, alimentada por varias categorías, las fuentes fueron pocas. Se advierte el hecho de que el pensamiento coreanista/coreano es en gran parte original.

Hubo un alto grado de concentración de los coreanos y/o coreanistas, que no utilizan a autores principales como referentes fundamentales para explicar la Política Exterior. Además, las menciones se realizaron a las categorías de Citas y bibliografía, demostrando que las categorías “notas” fueron más bien aclaraciones a autores canónicos.

En efecto, el lugar de los autores canónicos en los autores del corpus bibliográfico no es vertebral, hay poca presencia y de éstos.

A modo de conclusión general, es posible afirmar que el discurso que estudia el período 1961-1979, se elaboró desde una argumentación basado en los componentes de la Política Exterior surcoreana.

En segundo término, se observa que el discurso surgió y adquirió su forma casi total de manera única y original.

Como principal conclusión de este trabajo metodológico-investigativo da cuenta de la consolidación e independencia de este pensamiento coreanista más allá de autores propiamente coreanos. En suma, esta metodología se asienta como una herramienta válida, aplicable y demostrativa para el análisis de discurso en política exterior de cualquier país.

28. EFECTOS DE LA APERTURA COMERCIAL EN LA INFLACIÓN EN ASIA PACÍFICO MEDIALE MODELOS VECTORES AUTORREGRESIVOS, 1980-2019

Dr. (c) FRANCISCO QUIERO

francisco.quiero@gmail.com

La relación entre apertura comercial y crecimiento económico ha probado resultados no concluyentes. Por un lado, países que abrieron sus economías al mundo han obtenido buenos resultados en aumento del PIB per Capita; por el otro, se ha visto un aumento a vulnerabilidad a shocks externos de demanda, oferta, y tipo de cambio. Así, surge la problemática sobre si economías más abiertas han visto decrecer la inflación, definida está como la variación porcentual del índice de precios al consumidor. Tomando como casos a Japón, China y Corea del Sur entre 1980-2020, se busca establecer una relación entre apertura comercial e inflación y determinar si la apertura comercial explica causalmente la inflación en estos países mediante el método de Vectores Autorregresivos (VAR) y la descomposición de varianza mediante la función de impulso-respuesta (IRF).



MESA 3: ENODIPLOMACIA

El siglo XVII se destacó por la fecundidad y complejidad de los asuntos de seguridad y defensa en la sociedad latinoamericana. A las luchas interimperiales entre las Grandes Potencias europeas, se sumaron los levantamientos indígenas y las correrías de los piratas. Las ciudades de los colonos en América se veían constantemente amenazadas por peligros externos que podían llegar por tierra y por mar. Las autoridades del imperio español desarrollaban estrategias de defensa y seguridad, mientras que las comunidades locales diseñaban sus propias acciones para afrontar los múltiples desafíos. En este contexto, la sociedad colonial tuvo que adaptarse con sus escasos recursos.

COORDINA: DR. PABLO LACOSTE

PONENCIAS

29. LAS OFICINAS “ENOTÉCNICAS”: EL PAPEL DEL ESTADO EN LA PROMOCIÓN INTERNACIONAL DEL VINO ITALIANO

MANUEL VAQUERO PIÑEIRO - Universidad de Perugia (Italia)

Manuel.vaqueropineiro@unipg.it

Tras el nacimiento del Reino de Italia en 1861, el gobierno llevó a cabo una estrategia comercial y diplomática que consintiese aumentar y mejorar las exportaciones de vino. Ante la exigencia, incluso por motivos de prestigio internacional, de que Italia, como ya sucedía en Francia, Alemania, Hungría y en otros países europeos, pudiese lucir en los banquetes oficiales un buen vino nacional, se crearon específicas oficinas enológicas en las principales ciudades del continente europeo y americano. Dependientes de las embajadas el principal objetivo de estas oficinas era promover el vino italiano por medio de una intensa labor de comunicación y de propaganda. Las oficinas de Nueva York, Buenos Aires, Hamburgo, Berlín, Londres jugaron un papel muy importante. Entre los siglos XIX y XX se demostraron un canal fundamental para mejorar la imagen del vino italiano y con él de Italia que deseaba colocarse entre las potencias mundiales. Hasta que dejaron de funcionar a partir de los años veinte, dichas oficinas llevaron a cabo una intensa actividad de diplomacia comercial para favorecer la presencia del vino italiano en los menús de los mejores restaurantes y hoteles. Por lo tanto, si hoy nadie pone en duda la calidad y el prestigio alcanzado por la producción vinícola italiana, mucho se debe al esfuerzo demostrado por los técnicos responsables de las oficinas italianas de enología en el extranjero.

30. LA INTERFAZ ENOGASTRONÓMICA COMO ESCENARIO DE PODER Y NEGOCIACIÓN: NUEVA COCINA MEXICANA Y LOS VINOS DEL VALLE DE GUADALUPE.

HUMBERTO THOMÉ ORTIZ, Instituto de Ciencias Agropecuarias y Rurales. U. A. del Estado de México

humbertohtome@hotmail.com

Los vinos del Valle de Guadalupe, México, son un ejemplo vívido de la apuesta por la calidad de la vitivinicultura mexicana, así como de la construcción social de un sentido del lugar y de una identidad claramente identificable. El desarrollo de las bodegas ha transitado por un intenso devenir histórico, que se ha decantado de una perspectiva originalmente industrial a una artesanal de pequeña escala que se entreteje con la reinención de la cocina mexicana, a través de expresiones de altura como las logradas por la gastronomía BajaMed. Lo anterior, se traduce en una valoración integral del vino bajacaliforniano que incide en su reputación global, en la construcción de una imagen positiva de un país de contrastes y en una herramienta de poder blando que se expresa como mecanismo de vinculación hedónica e intercultural en diversos planos de la política exterior mexicana. La presente ponencia tiene como objetivo explorar el potencial, material y simbólico, que la sinergia entre vino y gastronomía puede expresar en la construcción de espacios de ejercicio del poder y la negociación política. Para ello se estudian los escenarios provistos por algunos emprendimientos enoturísticos emblemáticos del Valle de Guadalupe, así como algunos eventos diplomáticos donde vino y gastronomía juegan un papel central en las estrategias de política exterior y de construcción del poder. Se observa que la valoración hedónica y sensual de la enogastronomía mexicana provee elementos importantes para la negociación intercultural, la proyección de la calidad del sector vitivinícola y la atracción de turistas internacionales de nicho, siendo estos elementos importantes en la construcción de las relaciones e imágenes del país hacia el mundo.



31. A PAISAGEM VITÍCOLA DURIENSE: UM EXEMPLO DA “ENODIPLOMACIA” PORTUGUESA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

INÊS DA CONCEIÇÃO DO CARMO BORGES - Portugal

lccb14meister@gmail.com

A paisagem vitícola duriense foi objeto de delimitação na zona do Alto Douro Vinhateiro, Património Mundial, classificado pela UNESCO, em 14 de dezembro de 2001, como Paisagem Cultural, Evolutiva e Viva. As regiões do Douro Vinhateiro integram com outras da Península Ibérica, a área da integração da Rota do Douro Ibérico, Rota de Património Mundial estabelecida em 2010 através do projeto da Fundação Hispano-Portuguesa Rei Afonso Henriques (FRAH) e contextualizada na Península Ibérica, nas regiões do Douro Vinhateiro, Foz Coa, Siega Verde, Salamanca, Segóvia, Las Medulas, Guimarães, Porto, Ávila, Atapuerca e Burgos. A região Douro (P), integra o Projeto ViTour Landscape. Este é o resultado da Cooperação entre seis regiões (INTERREG III C 2005-2007). No final do projeto os parceiros prepararam uma “Convenção Internacional de Vinhas Classificadas como Património Mundial”. Após o projeto quatro outras regiões vitivinícolas europeias que são Património Mundial da UNESCO juntaram-se ao grupo e em conjunto decidiram apresentar um novo projeto: ViTour Landscape (INTERREG IVC). Este projeto de sustentabilidade tinha como objetivo melhorar e inovar políticas locais e regiões de preservação e valorização da paisagem cultural dessas dez regiões vitivinícolas europeias património da UNESCO.

32. ISOTYPE MARCO DE JEREZ: EL LENGUAJE VISUAL COMO EDUCACIÓN PATRIMONIAL DE LA VITIVINICULTURA

JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES, UFP, Brasil-U. de Cádiz; **SANTIAGO AMAYA-CORCHUELO**, Universidad de Cádiz, España

fernandoigansi@gmail.com; santiago.amaya@uca.es

El lenguaje visual constituye una escritura narrativa del contexto en el que vivimos, tiene el poder de anticipar el objeto, asumiendo la condición de presencia de lo que representa: los comportamientos sociales, su función, tradición e historia (NUNES, 2020). Así, registra, preserva y promueve el territorio a partir de sus signos de nivel simbólico. Como estrategia para preservar y promover la memoria del patrimonio de la vitivinicultura, el sistema de lenguaje visual ISOTYPE - International System of Typographic Picture Education (NEURATH, 1930), constituye un tipo de lenguaje inclusivo que persigue formar y educar a la sociedad. En nuestro trabajo se analizan los símbolos culturales grabados en las etiquetas de los vinos del Marco de Jerez, Andalucía, España, de 1822 a 2022, concretamente mediante el lenguaje de estas etiquetas se interfiere en múltiples dimensiones patrimoniales. Las representaciones del paisaje, de los productos, de ciudadanos comunes y/o personalidades, verdaderos tesoros humanos vivos - THVs (AMAYA-CORCHUELO, 2020), nos recuerdan a un pasado histórico y colectivo digno de ser preservado y promovido, como uno Soft Power (NYE, 2008), que refuerza la identidad y la pertenencia a un contexto vitivinícola a través de la enodiplomacia.

33. BUSCANDO UNA IDENTIDAD: DISEÑOS DE LAS PRIMERAS ETIQUETAS DE MARCAS CHILENAS DE VINOS Y DESTILADOS, 1885-1920

CAROLINA COFRÉ, Universidad San Sebastián – Chile

karolina.kofre@gmail.com

En el periodo entre finales del siglo XIX e inicio del siglo XX, la sociedad chilena se debatía entre el afrancesamiento y el espíritu nacionalista que crecía en torno a la celebración del centenario. La industria vitivinícola se vio particularmente influida por esta tendencia. Por un lado, la industria se desarrollaba apuntando a transformarse en “La Francia de América del Sur”. Por otro, los productos típicos y productos legítimos competían con los alcoholes imitados y/o falsificados en una búsqueda por posicionarse tanto a nivel local como internacional. Bajo este contexto, los diseños de etiquetas de vinos y aguardientes elaborados en Chile se vuelven documentos históricos que grafican las tendencias de la época en el desarrollo de la vitivinicultura chilena. Tomando como base las teorías de Transferencia cultural de Michael Espagne y Michael Werner (2014) y de Apropiación Cultural de Bernardo Subercaseaux (1988), en este trabajo se analizan etiquetas de vinos y destilados chilenos elaborados y registrados entre 1885 y 1920 buscando identificar qué elementos se relacionan con la cultura chilena, qué mensajes buscaban transmitir y cómo la influencia de la cultura europea se manifiesta en sus composiciones. La etiqueta, además de identificar un producto, transmite valores y permite exportar ideas, arte o cultura de un país o región (Pérez, 2012), por tanto puede considerarse una embajadora para la industria.



34. UN LEGADO DE UVA: UN ANÁLISIS SOCIOCULTURAL Y ESPACIAL DE LA HISTORIA DE LA PRODUCCIÓN DE VINO DE ANKARA

JOSÉ DUARTE RIBEIRO, Centro de Estudios Latinoamericanos de la Universidad de Ankara, Turquía jdmr33@gmail.com

La panoplia de simbologías y narrativas que rodean a la uva, desde tiempos ancestrales, incluye contornos dicotómicos tanto de lo sagrado como de lo profano, y distingue el producto final, el vino, de cualquier otro producto agrícola. Puede decirse, por tanto, que la producción de vid y vino conlleva una multiplicidad de significados históricos que transmiten las propias características y riqueza de la tierra y los suelos de origen. En este contexto, siguiendo una revisión histórica inicial de la uva y el vino desde sus antiguos orígenes en Anatolia hasta la Turquía moderna, este documento se centra en el patrimonio de paisajes de viñedos, uvas y producción de vino de Ankara, al tiempo que proporciona una evaluación crítica de su legado general. La viticultura de la ciudad hace setenta años, cuando estaba rodeada de viñedos, ya no es vibrante, aunque todavía quedan los paisajes vivos (viñedos y casas), la producción de vino y las instalaciones educativas (Granja Forestal Atatürk, Facultad de Agricultura y bodegas) y pueblos (Kalecik, Akyurt). El principal objetivo de este estudio es contribuir a la historia de Ankara, que nunca ha sido específicamente estudiada a través del enfoque descrito anteriormente, arrojando así luz sobre la historia sociocultural y espacial de la propia región. Si bien la palabra turca para viñedo es bağ, que también significa “conexión”, la conexión entre la ciudad y su legado se está debilitando.

35. ENODIPLOMACIA Y GASTRO DIPLOMACIA EN TIEMPOS DE ROSAS (1829-1852)

MARISOL VIDELA, ALEJANDRO SALAS, SANDRA MONTOYA Y PABLO LACOSTE, USACH, CHILE
marisol.videla@usach.cl; alejandro.salas@usach.cl; scmontoya@uc.cl

Se examina el papel que cupo al vino durante el conflicto armado entre Francia y Argentina entre 1838 y 1850 en el contexto internacional. Se indaga la situación de ambos países en la producción y comercio del vino. Se detecta que la exportación de vino fue una de las causas que impulsaron al gobierno de Francia a enviar su flota de guerra al Atlántico sur para abrir nuevos mercados a la industria nacional. Del lado argentino, se descubre que el vino fue importante para el gobierno de Rosas, no tanto por la producción nacional, que en ese momento estaba en crisis, pero sí como instrumentos diplomático interno y externo.

36. ENODIPLOMACIA E IMAGEN EN ALICANTE

ROSA MARÍA TORRES VALDÉS, Universidad de Alicante, España
rosa.torres@ua.es

A partir del interrogante: ¿En qué medida la Comunidad Valenciana ha aprovechado el vino de Alicante para promover su imagen internacional, su prestigio, sus exportaciones y su propuesta turística?, se desarrolla un estudio del concepto de enodiplomacia desde la opinión de los productores alicantinos, la DOP vinos de Alicante, docentes e investigadores del grado en Gastronomía de la Universidad de Alicante, divulgadores expertos y el análisis de diversas campañas sobre los vinos de Alicante. Se constata diferencias entre las percepciones de estos actores en cuanto a los esfuerzos de promoción del vino alicantino, de defensa del territorio y su desarrollo sostenible. Del mismo modo que se identifican figuras que podrían considerarse embajadores del vino en general, y de la “terreta” en particular. Se infiere la necesidad de ordenar en un concepto como enodiplomacia desde diferentes aristas: gastronomía, turismo, ruralidad, producto y marca país.

37. ANTEDECENTES PARA LA ENODIPLOMACIA EN CHILE (1980-2020)

PHILIPPO PSZCZOLKOWSKI, PABLO CAÑÓN Y AMALIA CASTRO – PUC / Universidad Mayor, Chile
philippopsz49@gmail.com

Chile inició el proceso que lo llevaría a convertirse en potencia vitivinícola mundial en la década de 1980, algo que se logró gracias a la acción conjunta de la industria, el sector técnico-profesional y el Estado. El objetivo de este estudio es develar el papel jugado por la enodiplomacia en este proceso y las principales características del mismo. Se utiliza la metodología del ‘actor participante’ asociada a las ciencias sociales, basados en testimonios directos de época y entrevistas en profundidad durante el primer semestre de 2022. Se observa una evolución de la elaboración y apreciación del vino chileno, jerarquizado por la política exterior chilena, desde la década de 1980 hasta 2010 como máxima expresión, que lo



llevó a posicionarse como potencia vitivinícola. Se concluye que dicho posicionamiento se logra gracias a una enodiplomacia activa desplegada por el Estado chileno, apoyada por academia y mundo técnico, que mejoraron la comercialización como el status del vino chileno en el país y el mundo. En esto, se distinguen dos corrientes: una regida por el paradigma francés (dominante) y otra, más reciente, signada por el paradigma hispano criollo, que apunta a revalorizar variedades y productos patrimoniales.

38. ENODIPLOMACIA COMO HERRAMIENTA DE POSICIONAMIENTO DE LA VITIVINICULTURA NACIONAL, LA IMAGEN-PAÍS Y EL ENOTURISMO. UN ESTUDIO COMPARATIVO ENTRE MÉXICO Y ESPAÑA

XAVIER MEDINA y DANIEL CONTRERAS

México fxmedina@gmail.com

El empleo de los vinos y, específicamente, de la vitivinicultura, en las políticas exteriores es un fenómeno sociocultural y económico relativamente reciente por medio del cual ciertos países y actores políticos han buscado el posicionamiento de discursos nacionales-nacionalistas y la creación de una marca-país que, generalmente, se promueve ampliamente en el mercado turístico. Así, la enodiplomacia surge en una coyuntura en la cual la gastronomía y la alimentación constituyen herramientas cada vez más útiles y demandadas para construir y proyectar una imagen nacional en el exterior, ganar reputación internacional y posicionar discursos o ideologías. En este sentido, nos preguntamos ¿En qué medida las políticas patrimoniales y de desarrollo rural consideran la presencia de los vinos nacionales y/o regionales en el exterior? ¿Cómo favorece la enodiplomacia el posicionamiento de la imagen-país y la promoción del enoturismo? En este trabajo buscamos analizar algunas de las políticas patrimoniales y de desarrollo rural implementadas en México y España, para el posicionamiento de los vinos nacionales, la imagen-país y el enoturismo, en el exterior. Para tal efecto, los referentes empíricos que seleccionamos son, por una parte, el reciente Plan Turístico Nacional de Enogastronomía de España, y algunos otros a nivel no estatal, como el de Catalunya; mientras que en el caso de México, la Ley de Fomento a la Industria Vitivinícola y algunos otros de interés y relevancia a nivel regional.

39. VINHO NA POLÍTICA EXTERNA DE PORTUGAL

CARLA SEQUEIRA, Centro Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória/Universidd de Porto-Portugal - cferreira@letras.up.pt

O sector vitivinícola português, sector-chave da economia nacional, foi, pelo menos desde o século XVIII, o centro de uma planeada política externa com vista à afirmação do sector nos mercados internacionais. Partindo de uma revisão da literatura sobre esta temática, procederemos a uma análise preliminar da política externa portuguesa para o sector dos vinhos. Debruçar-nos-emos sobre as diversas estratégias desenvolvidas pelo Estado, desde os tratados e convénios internacionais firmados com diversos países, ao investimento na propaganda nos mercados externos (estimulada através de diversos decretos governamentais) e à participação em certames e exposições internacionais. Procuraremos, ainda, aferir as consequências no crescimento/afirmação dos vinhos portugueses decorrente das medidas tomadas pelo poder central.

40. ENODIPLOMACIA. HACIA LA CONSTRUCCIÓN DE UN CONCEPTO EFICIENTE PARA LAS CIENCIAS SOCIALES

FRÉDÉRIC DUHART, Grupo de investigación VitisUned, Universidad Nacional de Educación a Distancia, España - frederic.duhart@orange.fr

La palabra “Enodiplomacia” es muy reciente. En eso, no difiere de los términos construidos sobre el mismo modelo en otros idiomas para relacionar el mundo del vino con la diplomacia. La más antigua de estas palabras, “Ænodiplomatie”, se empleó por primera vez en 2015. Sin embargo, “Enodiplomacia” empieza a interesar bastante en la esfera académica. Por consiguiente, existe un riesgo que se cambie en una palabra de moda, muy empleada, pero sin carga conceptual precisa. Esta comunicación es una invitación a trabajar a la construcción de un concepto “Enodiplomacia” eficiente en el campo de las ciencias sociales. Un elemento clave en este proceso será encontrar como delimitar un campo de aplicación de la palabra “Enodiplomacia” que no sea demasiado reducido o amplio. Es que la etimología invita de manera espontánea a definir “Enodiplomacia” de dos maneras: “diplomacia por medio del vino” y “diplomacia en relación con intereses vitivinícolas”. Se trata de dos temas muy diferentes. Pero, parece necesario que encontremos una solución para que el concepto de “Enodiplomacia” engloba estas dos aceptaciones sin confundirlas. Aquí, se propone una solución taxonómica que podría evitar un uso cacofónico de “Enodiplomacia”: definir una “Enodiplomacia sensu lato” e identificar los contornos de una “Enodiplomacia stricto sensu”.



41. EL VINO EN LA DIPLOMACIA GRIEGA ANTIGUA

ELBIA HAYDÉE DIFABIO, Universidad Nacional de Cuyo, Argentina
elbiad@ffyl.uncu.edu.ar

Esta investigación prevé identificar pasajes en fuentes primarias griegas, tanto literarias como históricas y filosóficas, en los que el vino funcione como mediador en encuentros diplomáticos, elaborar un registro, organizar un listado acotado, contextualizar los episodios y sopesar la ponderación implícita otorgada a la bebida. Para ello, se ha recurrido al ordenador Diógenes a fin de encontrar textos mediante la lematización de dos términos, οἶνος y μέθυσ, y de sus respectivas familias. La selección se ha de basar en un interés determinado: organizar una síntesis variada en autores y épocas, conjugada con diversas circunstancias, tonos e intenciones. Completarán la labor unas pocas notas filológicas inherentes a la temática y al vocabulario detectados. La primera obra por analizar -y la primera de la literatura occidental-, *Ilíada*, presenta pasajes significativos; por ejemplo, cuando, en una decisión bienintencionada Paris intenta zanjar pacíficamente la discordia entre aqueos y troyanos motivada por el rapto de Helena. Depondrían las armas en duelo singular entre él y Menelao. Ante un público expectante de aqueos y troyanos y en un acto -frustrado- de negociación diplomática, los heraldos llevan ἄρνε δύω, καὶ οἶνον εὐφρονα, καρπὸν ἀρούρης, “dos corderos y vino que da gozo, el fruto de las tierras labrantías” (3.246).

42. ¿ENODIPLOMACIA A LA MEXICANA CON EL TEQUILA?

JOSÉ DE JESÚS, El Colegio de Michoacán – México
yacatzushl@gmail.com

La ponencia problematizará la construcción simbólica del joven tequila de la globalización (De 1994 a la fecha), con una importante apuesta por la estética en el contenido (el líquido), el envase o botella, la copa tequilera, el empaque o caja, las instalaciones fabriles, los comercios, las degustaciones o catas, el paisaje agavero y la figura central del jimador o cosechador del agave.

La otra variable a considerar es la de la construcción y ejercicio del poder que debido a esta dimensión estética se visibiliza al distinguir consumidores, lugares y formas de consumo, pero también como un vehículo para negociar o hacer diplomacia. La justificación de presentar esta ponencia en un evento de enodiplomacia es que mucha de esta diplomacia tequilera ha seguido los pasos del sector vitivinícola, particularmente del francés y del español. De hecho, no es osado pensar que el sector vitivinícola mexicano ha recibido tanto influencia directa de los vinos de otras partes del mundo, como vía indirecta a través de los caminos explorados por el tequila.

43. EL CASO DE LAS UVAS ENVENENADAS. TENSION DE LAS RELACIONES ENTRE ESTADOS UNIDOS Y CHILE HACIA EL FIN DE LA GUERRA FRÍA GLOBAL.

GONZALO ROJAS, USACH
gonzalo.rojas.aguilera@gmail.com

En febrero de 1989 La Food and Drug Administration (FDA) dio aviso de la detección de dos granos de uva roja que contenían cianuro. El gobierno de los Estados Unidos ordenó suspender el ingreso de toda la fruta proveniente de Chile. Días después se sumaron Canadá y Japón, junto a algunos países europeos. Por esos años, esa fruta representaba cerca del 70% del total de la exportación frutícola chilena a EE.UU. El perjuicio para los exportadores superó los US \$300 millones de la época, en un mercado que empleaba a más de 200 mil trabajadores. La evidencia disponible demuestra que la uva incautada no tenía cianuro. Este caso, si bien aún permanece incógnito y poco estudiado, permite hipotetizar que corresponde a un plan urdido por EE.UU. con el objetivo de advertir al gobierno de Pinochet, sobre la posición de su país y asegurar que el cronograma de la vuelta a la democracia. En el presente estudio de caso, se consideran los conceptos de hard power y soft power y su eventual aplicación en los Estudios Internacionales.



44. ENODIPLOMACIA Y COMERCIO INTERNACIONAL: LA VITIVINICULTURA EN LA UNIÓN EUROPEA Y SU INFLUENCIA EN EL MARCO DE LAS RELACIONES INTERNACIONALES.

JOSÉ ANTONIO NEGRÍN DE LA PEÑA, Universidad de Castilla La Mancha, España

JoseAntonio.NPena@uclm.es

Este trabajo tiene como objetivo principal el de profundizar en el papel que ha jugado la vitivinicultura en las Relaciones Internacionales con especial atención a las relaciones económicas y comerciales entre países desde un punto de vista histórico, de presente y de futuro. La motivación para escribir esta Ponencia se encuentra en que la vitivinicultura, - dentro de las relaciones económicas y comerciales- ha servido a la Ciencia Económica para analizar Teorías de Comercio Internacional como es, por ejemplo, la famosa Teoría de la Ventaja Comparativa de David Ricardo explicada a través del intercambio de vino de Oporto por paño británico. Intercambio que encuentra su origen en la firma el Tratado de Methuen entre los dos países que creaba una alianza entre Portugal y Reino Unido. Por ello, se creyó de interés estudiar, en primer lugar, el papel de la vitivinicultura en la Historia Económica de las relaciones económicas y comerciales para, seguidamente, ver la importancia del sector dentro de la economía mundial actual analizados desde un doble punto de vista. En primer lugar, estudiando la situación geoestratégica de la vitivinicultura mundial (la nueva geografía del vino, producción, consumo, comercio...) y, en segundo lugar, exponiendo la actual situación de la vitivinicultura mundial en el marco complejo de las Relaciones Internacionales de la segunda década del siglo XXI (Covid-19, Brexit, Rusia, China, Guerra de Ucrania...). Con todo ello se pretende demostrar la importancia de la vitivinicultura en una Economía globalizada y, por ende, la justificación del término enodiplomacia en un sector que favorece la relación (y el conflicto) entre países y que juega un papel importante como lugar de encuentro dentro de las relaciones económicas presentes y futuras, sensible a los cambios que se han producido (y previsiblemente se producirán) en el panorama económico internacional.

45. EL SYMPOSIUM EN LA GRECIA CLÁSICA Y SU PAPEL EN LAS RELACIONES SOCIALES

PEDRO MIGUEL NARANJO y ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Instituto de Arqueología-CSIC-Junta de Extremadura España

esther.rodriguez@iam.csic.es; pedro_n90@hotmail.com

En la Grecia clásica (siglos V-IV a.C.) el consumo del vino ofreció el ambiente perfecto para la manifestación pública de todos aquellos elementos que consideraban propios de las sociedades civilizadas, como consideraban a la griega. La preparación, servicio y consumo del vino estaba regulada según unas pautas socialmente establecidas. El consumo del vino, relegado exclusivamente a los hombres, ofreció un contexto idóneo para los debates filosóficos, políticos o la recitación de una tradición literaria que recogía los valores y la pertenencia a una identidad o tradición cultural común. El symposio griego, por tanto, no solo implicó el consumo mismo del vino, sino que sirvió como el escenario perfecto para entablar relaciones sociales o desarrollar algunas de las ideas que durante la época jalonaban las corrientes de pensamiento. De hecho, el término griego de symposio se ha utilizado en muchas ocasiones para denominar las reuniones científicas o debates en la investigación.

46. GASTRODIPLOMACIA Y ENODIPLOMACIA EN LOS BANQUETES DE LA PATRIA DEL CENTENARIO DE CHILE

AMALIA CASTRO, Universidad Mayor y **FERNANDO MUJICA**, Escuela de Sommeliers de Chile

amalia.castro@umayor.cl; fernandomujicachefsomelier@gmail.com

La ponencia aborda la gastrodiplomacia y la enodiplomacia de los banquetes de la Patria realizados alrededor del Centenario de Chile. Se prueba que dichos eventos gastronómicos sirvieron para construir el Chile del progreso, con la revolución industrial como paradigma de desarrollo. Los banquetes de la época fueron medios culturales y actos de seducción política-social, donde las élites apelaron al Soft Power para mantener sus relaciones locales e internacionales. Tanto los líderes políticos como las élites sociales se debían ver como verdaderos progresistas. La mesa, toda afrancesada y, al mismo tiempo, ilustrada, con "platillos refinados, de espléndido decorado, del más alto nivel y buen gusto", fue uno de los escenarios donde se construyó y proyectó la imagen de ese hombre nuevo a cargo de desarrollar al país, pero también, de manera efectiva, tal como se pondrá en evidencia, se construyó la marca cultural-gastronómica de "Francia", la que cautivó al mundo con su Nueva Cocina, para quedarse con todos los laureles y coronarse como la mejor culinaria del orbe, gozando de la hegemonía gourmet hasta la actualidad.



47. GASTRODIPLOMACIA DEL MATE EN TIEMPOS DE ROSAS

JOSÉ GABRIEL JEFFS, Universidad de Valparaíso, Chile

josejeffs@gmail.com

Esta ponencia examina el papel que cupo a la yerba mate en la estrategia política de construcción de poder y resistencia de la Confederación Argentina en tiempos del gobernador Rosas (1829-1852). Como contexto se destaca que en aquel momento, el imperio británico estaba promoviendo una estrategia de sustitución de la yerba mate por el te en el mercado latinoamericano, lo cual se coronó con éxito en algunos países como Chile. Pero en el Río de la Plata, Rosas se resistió al cambio, con una constante estrategia de promoción del consumo de la yerba mate, no solo en sus tropas sino también en el centro de poder que estableció en el Palacio de Palermo, polo referencial para la construcción de la política interna y externa.

48. LA CRISIS INTERNACIONAL DE LOS VIÑEDOS PROVOCADA POR LA FILOXERA EN LA SEGUNDA MITAD DEL SIGLO XIX: EL CASO DE CHILE.

FÉLIX BRIONES QUIROZ, Universidad del Bio Bio, Chile

fbriones@ubiobio.cl

Ante la crisis de los viñedos provocada por el insecto Phylloxera Vastatrix, en Chile a partir de la década de 1860 se preocuparon de las noticias que llegaban sobre los efectos de la filoxera en las viñas y se tomaron medidas a partir de la década de 1870 para protegerse de la entrada del insecto. Tanto el Gobierno de turno como los particulares que se dedicaban a la actividad vitivinícola adoptaron diversos resguardos para que no se produjera la crítica situación que estaba ocurriendo en otras partes del mundo. Por lo tanto, las variedades existentes en esa época en Chile, no sufrieron los estragos del insecto.

49. MEMORIAS DE UN ENODIPLOMÁTICO: JOSÉ LUIS JIMÉNEZ Y LA PROMOCIÓN MUNDIAL DEL JEREZ

JOSÉ LUIS JIMÉNEZ, El Marco de Jerez, España

joseluisdecine@hotmail.com

Después de varias décadas de desempeñarse como enodiplomático de los vinos de Jerez, el autor entrega el testimonio de su experiencia. Se trata de sistematizar la estrategia diseñada y ejecutada para representar y promover la imagen de uno de los vinos más famosos del mundo y con ella, promover el desarrollo económico, social y cultural de la región del marco de Jerez en particular y de España en general.

50. CULTURA DE LA SIDRA Y PROYECCIÓN INTERNACIONAL DE ASTURIAS

LUIS BENITO GARCÍA ALVAREZ, Universidad de Oviedo, España

garcibenito@uniovi.es

La Cultura Sidrera Asturiana es la candidata española ante la UNESCO para ser declarada Patrimonio Inmaterial de la Humanidad. Se trata, sin duda, del producto más identitario de la región, aunque más que en la propia expresión patrimonial, su mérito puede estribar en el acervo de conocimientos y técnicas transmitidos generacionalmente. El valor social y económico de esta transmisión, en efecto, acostumbra a ser conveniente para todos los grupos sociales contenidos en la comunidad. Se trata de una riqueza integradora cuya evolución supone una respuesta a un entorno cambiante y contribuye eficazmente a la hora de infundir un sentimiento de identidad y continuidad, creando además un vínculo entre el pasado y el presente que puede resultar decisivo en el momento de garantizarle un futuro. Por lo tanto, su devenir depende del comportamiento de aquellos grupos conocedores de los ritos, las técnicas y las costumbres que se transmiten al conjunto social. Con la recuperación de alimentos tradicionales se recupera también la dimensión lúdica, estética y creativa de la comida a la par que los nexos con el territorio y la cultura de la que son portadores. Se despliegan a alrededor de la sidra políticas comerciales, turísticas e institucionales y se ha ido consolidando como la principal tarjeta de presentación de Asturias en materia alimentaria.